

RESENHA

MEU CASACO DE GENERAL: 500 dias no front da Segurança Pública do Rio de Janeiro

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de General: 500 dias no front da Segurança Pública do Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 475 pp. Eduardo Paes Machado.

André Luiz Carreira¹

RESUMO

A obra resenhada trata de um relato da experiência, de um antropólogo e cientista social na equipe de primeiro escalão da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. O autor revela e desvenda algumas particularidades, um tanto fragmentada da (in)segurança pública do Rio de Janeiro. A criminalidade do dia-a-dia tanto policial quanto comum, a organização das instituições policiais do Estado do Rio de Janeiro, as posturas e decisões governamentais diante do quadro de criminalidade e os projetos inovadores e às resistências institucionais à reforma do policiamento.

Palavras-chave: Segurança Pública – criminalidade – reforma do policiamento.

ABSTRACT

The work reviewed is a report of the experience, an anthropologist and social scientist in the first step of staff of the Public Security Secretariat of Rio de Janeiro. The author reveals and unveils some peculiarities, somewhat fragmented the public (in)security of Rio de Janeiro. The crime of the day-to-day police both as common, the organization of the police institutions of the State of Rio de Janeiro, the postures and government decisions before the crime framework and innovative projects and institutional resistance to reform policing.

Keywords: *Public Safety – crime – reform policing.*

¹ Aluno Oficial do Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar Costa Verde – PMMT (APMCV).

Luiz Eduardo Soares formou-se em Literatura, na PUC-RJ, e construiu sua carreira combinando produção literária e dramática com docência, obras acadêmicas e gestão pública. É mestre em Antropologia, doutor em ciência política com pós-doutorado em filosofia política. Foi secretário nacional de segurança pública (2003) e coordenador de segurança, justiça e cidadania do Estado do RJ (1999/março 2000). Colaborou com o governo municipal de Porto Alegre, de março a dezembro de 2001, como consultor responsável pela formulação de uma política municipal de segurança. De 2007 a 2009, foi secretário municipal de valorização da vida e prevenção da violência de Nova Iguaçu (RJ). Em 2000, foi pesquisador visitante do Vera Institute of Justice de Nova York e da Columbia University. Tem vinte livros publicados, entre eles o romance Experimento de Avelar, premiado pela Associação de Críticos Brasileiros em 1996, e Meu Casaco de General, finalista do Prêmio Jabuti em 2000. Foi professor da UNICAMP e do IUPERJ, além de visiting scholar em Harvard, University of Virginia, University of Pittsburgh e Columbia University. É professor da UERJ e coordena o curso à distância de gestão e políticas em segurança pública, na Universidade Estácio de Sá².

O autor ocupou os cargos de Subsecretário de Segurança Pública e Coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro (entre 1999 e 2000) e de Secretário Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça, em Brasília (2003).

Meu casaco de General é um livro de Luiz Eduardo Soares, um grande estudioso da área de segurança pública, que teve a experiência de tentar por em prática as suas visões acerca do modelo ideal de segurança pública ao qual o Rio de Janeiro, da mesma forma, o Brasil deve empregar para que o bem estar social seja atingido. Luiz Eduardo Soares passou 500 dias no front da segurança Pública do Rio de Janeiro. Aceitou o convite de Anthony Garotinho, para estabelecer as suas propostas na área de segurança pública na campanha do Governo do Rio de Janeiro, Luiz Eduardo Soares juntamente com a sua comissão, organizou algumas ideias que seriam responsáveis por inovar todo o cenário de mazelas em que a segurança pública do rio de Janeiro se encontrava.

Anthony Garotinho era um jovem político que obtivera sucesso como prefeito numa pequena cidade do interior do Estado, e agora se aventurava na candidatura do Governo do Rio de Janeiro, alimentando ainda o sonho de ser Presidente da República. Ainda no momento de transição do Governo, nos dois meses que

² www.luizeduardosoares.com.br/?page_id=9. Acesso em Abril de 2014.

antecediam a sua posse como governador, Garotinho se mostrava entusiasmado com as ideias de Luiz Eduardo, e o apoiava em todas as suas ações, mesmo quando as suas ideias eram só pensamentos idealistas que precisavam ser postos em prática para verificar a sua viabilidade.

Garotinho entendia que era necessário apresentar boas mudanças na área de segurança pública, que era um setor bastante delicado para lidar, já que o Rio de Janeiro se caracterizou como um lugar violento, onde o tráfico de drogas aliado ao tráfico de armas aterrorizavam os morros do Rio, onde estão localizadas as favelas, locais onde o Estado não atua, a não ser através da Polícia Militar utilizando-se da força, reagindo perante as ações criminosas. Dessa forma, a sua atuação diante desse contexto poderia ser determinante para a sua aceitação ou não como governador do Estado, pois a população mostrava-se bastante insatisfeita e sentia-se insegura diante da realidade que os cercavam. A importância desta situação fez com que Garotinho mantivesse um equilíbrio em sua secretaria de Segurança Pública convidando além de Luiz Eduardo Soares, o General Siqueira, para participar dos trabalhos da secretaria de Segurança, para que as questões humanitárias que Luiz Eduardo Soares defendia, fossem equilibradas com as ideias conservadoras que um General de exército poderia ter, e dessa forma, Garotinho flexibilizaria as suas decisões, através da força de um General e a filosofia de um estudioso.

Quando na posse do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Garotinho nomeou o General Siqueira como Secretário de Segurança Pública e deu a Luiz Eduardo Soares o cargo de Subsecretário. Luiz Eduardo era subordinado ao General Siqueira, porém tinha bastante liberdade no governo de Anthony Garotinho. Logo que assumiu as suas funções, Luiz Eduardo teve várias iniciativas, com o intuito de colocar em prática as ideias que desenvolvera durante a campanha, em que o governador se apoiara para se eleger, e que o General concordou em defender.

O General Siqueira, realizava todas as manhãs uma reunião com os seus subsecretários, essas reuniões ficaram conhecidas como “O Bom Dia”. Nesses encontros Luiz Eduardo Soares sentia-se isolado por diversas vezes, pois estava cercado de militares corporativistas que não concordavam totalmente com suas ideias de mudanças, que deviam ser focadas no respeito ao cidadão. Porém, desde o

início, Luiz Eduardo propôs a ir ao trabalho e enfrentar as resistências que ele sabia que seriam muitas, pois mexiam com a atividade de muitas pessoas que estavam inseridas no poder público.

Sua subsecretaria era ligada a cidadania, dessa forma, Luiz Eduardo começou a subir as favelas, e ouvir as opiniões das pessoas, sobre a Segurança Pública, e o que ele mais ouviu, foi reclamações acerca das atuações policiais, da forma com que a polícia tratava os moradores da favela, ouviu testemunhos de torturas policiais, subornos para libertarem traficantes, policiais que estupravam e realizavam execuções injustificadas, viu a falta de credibilidade que as instituições policiais tinham para aqueles moradores, onde muitos preferiam os traficantes que mandavam no morro, impunham regras que se eles obedeciam, nada lhes aconteciam e por muitas vezes supriam suas necessidades. As ações policiais causavam indignação nos moradores, pois esses agentes do Estado, que eram os responsáveis pela manutenção da ordem, abordavam quem bem entendessem, agrediam, se não os obedecessem, assassinavam, implantavam uma arma no local e diziam que era daquela pessoa, e que esta tinha esboçado reação durante a abordagem. Esses tipos de depoimento mostrou para Luiz Eduardo Soares o quanto as mudanças na Segurança Pública deviam ser profundas, deveriam agir na cultura, na mentalidade dos profissionais da área de Segurança, para que os seus comportamentos fossem mudados. Luiz Eduardo Soares via a importância da comunidade acreditar nos policiais que estavam em sua volta, como defensores de seus direitos e de sua dignidade, sabia que existiam muitos bons policiais nas instituições, porém a generalização pejorativa que faziam em decorrência dos abusos dos maus policiais, eram inevitáveis.

Além dessa realidade exposta pela sociedade, Luiz Eduardo observou outros problemas, dentre eles, as disputas internas na secretaria de segurança pública, que pode ser o mesmo para todo o Brasil, já que o modelo existente no Rio de Janeiro é o mesmo para todo o País. Polícia Militar e Polícia Civil, fazem um trabalho complementar perante as ocorrências, a primeira é responsável pela prevenção do crime, sua atuação deve ser ostensiva com o intuito de inibir as ações criminosas. A segunda exerce função repressiva, e deve agir através da investigação dos crimes que

já ocorreram. Nenhuma destas polícias fazem o ciclo completo de polícia, de certa forma, uma depende da outra, e mesmo assim elas não estabelecem integração nenhuma, suas áreas de circunscrição não se coincidem, o que dificulta a troca de informação sobre uma região. Luiz Eduardo verificou que existe uma briga de influências dentro da secretaria entre Polícia Militar e Polícia Civil, enquanto ambas poderiam estar juntas, unindo forças, em busca de saídas para a Segurança Pública, elas disputam a atenção do governador, para conseguirem benefícios institucionais. Isso se revela no livro quando o chefe da Polícia, Delegado Alberto, fica em uma situação instável, sofrendo pressões de outros companheiros de instituição, que foram contra a indicação do governador, que deu a um Coronel da Polícia Militar o cargo de Secretário de Segurança Pública, após a saída do General Siqueira.

Essas deficiências que se encontravam no interior da secretaria de segurança, dificultavam a concretização dos projetos propostos durante o governo de Garotinho. A Delegacia Legal, uma das principais propostas, do governo, tinha o objetivo de otimizar a atuação da polícia civil, de aproximar o cidadão a uma delegacia, fazendo com que, a sociedade perdesse o medo de ir a uma delegacia para registrar uma ocorrência, pois lá ele teria um bom atendimento, e teria a certeza de que a sua necessidade seria atendida. No início do governo, foi aberta a primeira Delegacia Legal, a ideia foi bem aceita pela sociedade, a intenção era que no futuro, a Delegacia Legal fosse a realidade de todas as regiões do Rio de Janeiro, pretendia-se construir outras iguais, porém, essa ideia inovadora não obteve o êxito pretendido, por falta de interesse político.

Luiz Eduardo Soares se destacara demais aos olhos dos que estavam em sua volta, e que não gostavam de suas ideias. Suas ações eram alvo de críticas dentro da secretaria, seus depoimentos na imprensa se divergiam aos do Secretário, o governador mostrava-se ambíguo, ora lhe dava total apoio, ora ele limitava a autonomia de Luiz Eduardo Soares. O ambiente dentro da secretaria de segurança, era de total instabilidade, isso fez com que os projetos iniciados não fossem concretizados, e fez com que a exoneração de Luiz Eduardo Soares fosse inevitável.

Com isso podemos observar a profundidade do problema de segurança pública em nosso País, o quanto os problemas estão relacionados à política interna de

uma instituição, em que uma situação que poderia beneficiar milhares de pessoas, deixa de acontecer pela má vontade de alguns que têm o poder nas mãos. Essa situação deixa evidente, que o problema da Segurança Pública está na Segurança Pública! É claro que outros setores sociais, têm a sua parcela de influência nesses problemas, mas não podemos cruzar os braços argumentando que “Violência e Criminalidade” é um tema complexo e não tem saída, desviando assim o foco para outras direções. Devemos enfrentar os fatos, sem querer justificar o injustificável, procurando soluções para que as ações criminosas não se tornem rotineiras e a ideia de impunidade não seja considerada algo normal.

Numa seara carente de estudos a obra revela algo sobre as instituições policiais e procura aproximar o público da temida e antipatizada polícia, o risco de perpetuar um modelo que em nada contribui com o verdadeiro papel dessa instituição na consolidação da democracia e centraliza na necessidade de promoção de reforma policial brasileira.

O livro é dedicado aos profissionais de segurança pública e indispensável sua leitura aos pesquisadores de assuntos ligados à temática no Brasil e noutros países.